

**GUSTAVO BEYER APRECIADO POR
AFONSO DE TAUNAY
(do livro *Non ducor, duco*, 1924)**

Nascido em 1775 em Ystad, pequena cidade sueca, filho de um médico, Gustavo Beyer doutorou-se em medicina na Universidade de Lund, em 1797. Contratado para o serviço da armada de sua pátria, onde alcançou o posto de físico-mór, viajou bastante. Esteve em Marrocos, nos países ibéricos e no norte da Europa, tornando-se popular entre os seus compatriotas pelo ardor de sua propaganda da vacina jenneriana. Nomeado cônsul-geral português na Suécia, exonerou-se do serviço militar e partiu para o Brasil, onde passou um ano, de 1812 a 1813. Durante sua estada aqui, percorreu especialmente a Capitania de São Paulo, deixando-nos impressões que o Sr. Alberto Loefgren traduziu e publicou na “Revista do Instituto Histórico de São Paulo”, motivando essa publicação o aparecimento de vários artigos eruditos e elucidativos acerca da pessoa do viajante escandinavo, devidos entre outros, a Oliveira Lima, Vieira Fazenda. Goran Bjorkmann, João Wetter e ainda o próprio Loefgren.

Ao viajante sueco não movera a curiosidade científica nem o mero amor às peregrinações dilatadas ao empreender a travessia do Atlântico. Ao Brasil viera exclusivamente para reaver dez mil cruzados que lhe devia o seu compatriota, Hedberg, que ele próprio fizera nomear para a fábrica de ferro do Ipanema, quando o governo de D. João VI mandara contratar na Suécia um mestre de forjas, conta-nos Oliveira Lima. Homem desonesto, praticou Hedberg muitas irregularidades, que o fizeram demitir-se e substituir por Frederico Guilherme de Varnhagen. Pagou, contudo, os dez mil cruzados ao médico compatriota, motivo pelo qual deixou Beyer o nosso país perfeitamente impressionado com quanto vira. “Não há como uma dívida cobrada para tudo fazer ver cor-de-rosa”, comenta espirituosamente o erudito autor de *D. João VI no Brasil*. No *Pluto Brasiliensis*, contra Eschwege que Beyer se fizera o fiador de Hedberg perante os seus numerosos credores suecos para que o forjador pudesse partir para o Brasil

e refazer a fortuna. Relatando, minuciosamente, o que no Ipanema conseguira, mostra o ilustre geólogo alemão quanto abusara o sueco da boa fé do governo português.⁴⁰ Comentando esta narrativa, Calógeras chama de “velhaco” ao mestre fundidor, acusando o viajante escandinavo de parceria em suas tramóias.

Fossem quais fossem os motivos da viagem do dr. Gustavo Beyer ao Brasil, nem por isso deixam de ser interessantes os seus depoimentos de ser “os de um homem fino e culto, interessado em quanto examina e em quanto admira”. Veio o médico sueco encontrar os últimos dos nossos anos coloniais, circunstância que às suas palavras revestem de pitoresco sincronismo. E dada a escassez de apreciações estrangeiras sobre a nossa vida colonial, são as suas declarações, a nosso ver, de sumo interesse, tanto mais quanto nos parecem cheias de franqueza e lealdade, muito embora por vezes inçadas de graves deslizes como aqueles em que incidiu sobre o Rio de Janeiro e lhe foram argüidos por Vieira Fazenda.

Partindo do Rio em companhia de um jovem nobre russo, o conde Nicolau von Pahlen, “moço amável e estudioso, excelente literato e muito viajado” - parente do plenipotenciário russo junto à corte portuguesa e provavelmente do célebre assassino do czar Paulo I - chegou Beyer a Santos no dia 13 de março de 1813.⁴¹

Trazia as melhores recomendações do governo para a Capitão-General Marquês de Alegrete. A 19 chegava a São Paulo, encaminhando-se à casa do cônego João Ferreira de Oliveira Bueno, onde teve o ensejo de encontrar Martim Francisco Ribeiro de Andrada e onde recebeu a mais cordial e generosa hospitalidade.

Causou-lhe a cidade a melhor impressão, à entrada, e essa se lhe tornou cada vez mais agradável à medida que se foi demorando entre os paulistanos, que açodadamente logo o visitaram, particulares e corporações gastando o sueco muitos dias em pagar tão atenciosas visitas. Em poucos lugares era a polidez mais exagerada do que ali. Exigiam as fórmulas da boa

(40) A importantíssima obra de Eschwege citada por Taunay figura em nossa bibliografia com duas edições brasileiras, ambas em edição de Domicio Figueira Murta: a primeira, pela Editora Nacional, vol. 257 da coleção “Brasíliana”, e a segunda pela Itatiaia, de Belo Horizonte, vols. 58 e 59 da coleção “Reconquista do Brasil”, datadas respectivamente de 1944 e 1979.

(41) Referência ao conde Feodor von Pahlen, diplomata russo no Rio de Janeiro de 1812 a 1814 e depois representante de seu país nos Estados Unidos e em Munique, e ao conde Pierre von Pahlen (1744-1826), embaixador em Estocolmo, governador da Curlândia e de São Petersburgo e que em 1801 colocou-se à frente da conspiração que assassinou o czar Paulo I. Diz-se que von Pahlen esperava ficar como regente durante a minoridade do príncipe Alexandre (o futuro Alexandre I), mas foi logo afastado do poder.

educação uma série de demonstrações afetuosas ao entrar alguém em casa de outrem e ao sair. Assim também lhe era difícil recusar os oferecimentos de obséquios que a todo instante se lhe faziam. As mulheres, em geral bonitas, achou-as esbeltas e encantadoras no seu modo de ser. Jamais vira olhos mais expressivos, dentes mais bonitos e pés mais mimosos, arroubadamente declara o entusiasta das paulistas. Simples no trajar, distinguiam-se por um gosto excepcional, com flores ornado os longos e negros cabelos do modo mais pitoresco e artístico. Canto e música eram talentos comuns que revelavam com a mesma graça e facilidade, mostrando-se desembaraçadas ao piano, na harpa e violão.

Todo esse entusiasmo do viajante sueco em relação às paulistanas não o impediu, porém, de lhes notar alguns defeitos. Pareciam-lhe bastante sensíveis à lisonja e vaidosas da sua qualidade de paulistas. “Inexcedíveis nas pequenas intrigas, partilhavam com as mulheres da Europa o gosto pelas superficialidades, sendo menos constantes, contudo, do que estas”. Aos 13 e 14 anos costumam casar-se, sendo raro que alguma se conserve solteira.

Dos seis dias então passados em São Paulo guardou Beyer a mas grata recordação: “corre o tempo depressa num país onde se gozam tantas finezas”, declara. É que poucas pessoas havia sociáveis e folgazonas como o Capitão-General Marquês de Alegrete e sua mulher e o prestígio que os rodeava fizera com que na pacata e monótona cidade provinciana as festas se seguissem umas às outras: “Tive uma semana inteira de divertimentos, entre os quais devo mencionar um passeio campestre a cavalo, organizado pela Marquesa de Alegrete, da cidade até o outro lado do rio Tietê, onde passamos um dia inteiro brincando”. E as horas se haviam escoado tão rápida quanto agradavelmente, dada a alegria e boa disposição da parte feminina da comitiva, composta de “muitas senhoras casadas e moças bonitas que na cidade haviam partido, acompanhadas por um enxame de ordenanças e criados”.

Eis um depoimento de que modo absoluto contraria a pecha de extremo retarimento atribuída aos antigos paulistas. Espetáculo agradável foi a formatura geral das tropas, três ou quatro milhares de homens que se preparavam para seguir em direção ao Rio Grande do Sul, ameaçado pelos espanhóis, “merecendo os uniformes das legiões e os seus movimentos todo o aplauso, especialmente os da artilharia.” Tão garboso quanto marcial, apresentou-s o famoso regimento de cavalaria de Minas, com suas oitocentas praças magnificamente fardado, cavalgando soberbos animais, cujos arreios eram de prata: “um dos mais brilhantes regimentos do mundo”. Do campo de exercícios e acompanhando as tropas com música e bandeiras desfraldadas,

partiram em direção ao palácio damas e cavalheiros que, em número de cinquenta, tinham sido convidados para passar a tarde em companhia do Capitão-General e sua mulher. Chegando a 23 a notícia da entrada do exército russo em Berlim, perseguindo os franceses retirantes da Rússia, festejou o Marquês este faustoso acontecimento com uma representação no teatro particular que fizera construir no palácio, nele representando jovens ajudantes de ordens e algumas damas.

No dia seguinte fechou-se a série de gentilezas do Capitão-General aos visitantes estrangeiros com um grande jantar a que se seguiram um concerto e um brilhante baile.

Saindo de São Paulo no dia seguinte, a liquidar negócios com o devedor remisso, empresa em que, como vimos, foi bem sucedido, mas que lhe tomou mais de dois meses, deixou Beyer a cidade sob as mais gratas recordações.

A 5 de junho estava de volta a São Paulo, onde assistiu à festa do Divino Espírito Santo. Achou as cerimônias em extremo pitorescas, sobretudo quanto à compunção das homenagens prestadas durante o oitavário ao Imperador do Divino, revestido de riquíssimos atributos majestáticos, entre os quais uma coroa de ouro maciço e elevado peso e um cetro confiscado aos jesuítas por ocasião de sua expulsão. Pôde, então, o viajante sueco apreciar a excelente iluminação das igrejas e ouvir a ótima música que nelas se executava.

Magníficas também as cerimônias de Corpus Christi, pontificadas pelo diocesano e a que concorria o Capitão-General, cuja cadeira se postava em face da do Imperador do Divino, rodeado de brilhante corte e munido de cetro e coroa. Na assistência, numerosas se contavam as senhoras, ricamente vestidas de sedas de cores e trazendo flores em vez das mantilhas habituais, de rendas largas, usadas especialmente para a assistência ao serviço divino. Uniformizados de gala estavam os cavalheiros. À tarde grande banquete de cem talheres, oferecido pelos franciscanos, devendo os homens jantar no convento e as damas em casa do imperador, onde à noitinha todos se encontraram. No salão onde se reuniam, antes do jantar, o assunto único da conversa foi a guerra contra a França e o ódio votado a Napoleão. Ao toque de uma sineta encaminharam-se todos, bispo e Capitão-General à festa, para o refeitório conventual, onde "imensa mesa que vergava sob o peso do que podia haver de superior e melhor nesta Terra". Ouçamos, porém, as próprias palavras do viajante sueco:

"Em todos os cantos da sala havia mesas para os trinchadores; o serviço era feito exclusivamente por noviços e bebiam-se os melhores

vinhos europeus como se estivéssemos em qualquer capital do velho continente. Não posso negar que o jantar era tão alegre e livre como interessante por sua raridade e tão pouco posso negar que debaixo dessa sotainas negras, que em geral se distinguiam pela tristeza e monosprezo do mundo e dos homens, encontrei pessoas distintas, não somente instruídas, como inteiramente respeitáveis na vida social.

Depois do brinde em honra da real família de Bragança, as saúdes mais notáveis foram as em honra às nações que enfrentavam a Napoleão, a russa e a sueca, e foi para mim imensamente agradável, tão longe da pátria ter a felicidade de beber à saúde de meu rei e do grande príncipe cujos feitos foram enaltecidos. O jantar acabou com café as sete horas da noite, depois do que fomos convidados a outra sala para a sobremesa, cuja quantidade ultrapassa toda a descrição. Numa grande mesa quadrada estavam servidas todas as frutas e todos os vinhos europeus e cerveja branca e preta, o que aqui é uma grande raridade, para cuja conservação são necessárias boas adegas. No centro da mesa um figura de mulher representava a América do Sul com uma cesta de frutas numa as mãos e noutra uma pequena garrafa de vinho; ao redor dela, formando escada, havia uma porção de doces secos envolvidos em papel de cores, o que muito se prestava para presente às damas, razão porque a pobre América foi logo despojada dos doces tesouros que guardava e a presa levada para a sociedade imperial do Divino, onde serviu nos jogos de prendas, muito em voga em São Paulo”.

Não se retirou Gustavo Beyer de São Paulo sem que ainda novas festas lhe fossem proporcionadas, além das do Divino e Corpus Christi. Assim, partiu para assistir a idênticas festividades em Santo Amaro, uma numerosa comitiva do Marquês de Agrete em que havia muitas senhoras, quase todas moças. Dois dias ali duraram os divertimentos: canto, música e dança, que sempre acabavam com serenatas à noite, em honra às damas, depois de recolhidas aos seus aposentos.

Nas vésperas da partida, gratos a tantos obséquios, resolveram os dois viajantes retribuí-los, oferecendo um grande baile aos seus amigos de São Paulo, festa essa que se realizou na chácara do coronel Wartze (?), muito bem iluminada tanto interna quanto externamente. “As honras da casa conforme o uso a terra, foram feitas por duas damas: dona Maria Loureiro e dona Mariana Velasco de Portugal, que tiveram a bondade de se incumbir desta tarefa, contribuindo muito para a boa ordem de tudo”. Foi a festa magnífica, : “Os convidados, em número de cento e cinquenta pessoas, pareciam todos satisfeitos. No intervalo das danças executaram-se lindos trechos o grande compositor do Rio de Janeiro Sr. Marcos Portugal

modinhas brasileiras e outras música e cantos bonitos. À mesa foram brindados a família real, o Capitão-General e as paulistas e o baile continuou ininterrupto de refrescos até três horas da madrugada, quando os convidados se retiraram”.

Quando haveriam o viajantes de imaginar que tanto se divertiriam na pequena cidade do Sul do Brasil? A temporada ali passada lhes ia deixar indelével recordação para o resto dos dias: “As extraordinárias provas de amizade e interesse que tanto do Marquês de Alegrete como de muitos paulistas recebi, serão sempre lembrados com a máxima gratidão” Como para desfazer a recordação de tão agradáveis impressões, no próprio dia de sua saída de São Paulo, perto da Serra, um fato lhe ocorreu da maior gravidade. Um de seus criados, europeu, enlouquecendo subitamente, tentou assassiná-lo e ao companheiro de jornada para Santos, o sueco Dankwardt, a ambos ferindo muito seriamente. Beyer escapou à morte milagrosamente.

Mais honra não poderia ser a pintura que de São Paulo nos deixou o viajante. Louva-lhe o espírito do clero e do seu bispo, “homem de méritos literários, que muito contribuíra para a tolerância e os esclarecimentos notados na capitania”, a organização da milícia, o estado da tropa da linha, a agricultura e a pecuária, a enorme abundância de víveres dos mercados, frutas e legumes, cereais e tubérculos, aves e animais de corte. Nunca como em São Paulo vira população de tão belo aspecto; jamais encontrara tão poucos aleijados como ali; no entanto, era o corpo médico medíocre não só em número como em conhecimentos, excetuados os do hospital - excelente instituição - e o das tropas. Escandalizara-o, contudo, a facilidade com que os boticários medicavam, ignaros como eram. Enfim, sintetizando as suas impressões amáveis de São Paulo e sua capitania, ditirambicamente exclamava Beyer dando largas ao reconhecimento: “O estrangeiro que viaja nesta parte da América sem visitar a capitania de São Paulo, tida como o paraíso do Brasil, por causa de sua altitude, seu ar saudável e fresco, suas ricas minas e habitantes hospitaleiros, sofre uma perda real, assim como o naturalista e o filósofo, que ali encontrarão mui favoráveis elementos para a investigação e meditação”.